

OS ETÍOPES MACRÓBIOS E A ARISTOCRACIA GUERREIRA ATENIENSE NOS SÉCULOS VI E V a.C.

Cristiano Bispo

(PPGH/UERJ)

Nas *interações étnicas* complexas e mutáveis estabelecidas entre atenienses e etíopes macróbios, consideramos que em diversas passagens do discurso de Heródoto e na documentação imagética grega os etíopes foram representados e personificados com atributos físicos, culturais e sociais euforizados, similares aos atributos coletivos e individuais valorizados pela aristocracia guerreira atenienses.

O corpus documental permite-nos indicar que alguns valores étnicos dos etíopes macróbios foram utilizados como modelo ideal de guerreiro belicoso e virtuoso semelhante aos atributos estimados pela aristocracia ateniense que, na passagem do VI para o V século a. C., passava por um processo de diminuição do poder de decisão política, devido à vertiginosa expansão das práticas sociais a favor da democracia.

A instituição aristocrática tradicional baseava-se na linhagem familiar, riqueza e nome de família para se diferenciar dos demais segmentos da sociedade. Ricos e bem-nascidos denominavam-se pela designação de eupátrida, filhos de bons pais, *kaloskaghatos* (bons e belos), detentores de inúmeros privilégios políticos e proprietários das maiores e melhores terras das cidades-estado. Os *kaloskaghatos* foram descritos pela literatura grega da seguinte maneira: "*os úteis (khrêstoí), os melhores (bélistoi), os poderosos (dynatoí), os notáveis (gnôrimoi), os bem-nascidos (gennaíoi)*" (FINLEY, 1983, 12).

O valor do homem grego em um processo de longa duração era medido pela busca constante do aprimoramento da virtude. Para Hélio Jaguaribe "*se mede o valor dos*

homens por sua Arete, permanecendo sempre, na cultura clássica, um manifesto aristocracismo, que distancia o espírito nobre do vulgar". (JAGUARIBE, 1981, 5). O espírito nobre especificado nas palavras do autor determina-se pelo valor guerreiro e pela virtude social e familiar. Segundo Marcos Alvito: "*Arete, é o título mais alto e glorioso que um jovem grego pode alcançar entre os homens*". (SOUZA, 1988, 38).

A aristocracia destacava-se pela função guerreira, cujas lutas valorizavam a individualidade, estimulando o fortalecimento da figura do herói. Maiores prestígios teriam aqueles que se mostrassem aguerridos, destemidos, fortes, bravos, virtuosos, heróis. Neste mundo que estimava os atributos do guerreiro, a individualidade sobrepunha-se ao coletivo.

A sociedade helênica estimava as características guerreiras de igual modo que apreciava os confrontos bélicos, pois este era o espaço para se medir coragem e destreza. A guerra para o grego era considerada um fenômeno natural, divergindo do período contemporâneo que a considera amoral e condenável. Para ratificar este pensamento recorreremos às palavras de Heráclito de Éfeso: "*a Guerra é o pai de todas as coisas e de todas o rei; de uns fez deuses, de outros, homens; de uns, escravos, de outros, homens livres*". (HERÁCLITO, Fragmentos 12, 53). A guerra não é para qualquer integrante da sociedade, selecionando os melhores e mais capacitados. Assim, como nos aponta Marcos Alvito, "*A guerra era um atributo aristocrático e justificava os privilégios (...) era um meio de obter riqueza (...) e valorizava o individual, o ato heróico dos nobres*" (Souza, 1988, 38).

Para Platão (apud GARLAN, 1991, 27) em *Fédon* (66 c): "*as guerras, as sedições e as batalhas, nada como o corpo e suas cobiças para suscitá-las, pois é da aquisição de bens que nascem todas as guerras*". Platão acrescenta ainda em *Protágoras* (334 b): "*guerra é a salvação das cidades, o comando sobre os outros e a riqueza*".

Para Aristóteles os homens entram em guerra "*Para ter o supérfluo, e não o necessário, que se cometem os maiores crimes (...) não é somente por precisão do*

necessário que os homens cometem o mal (...) é também para gozar e aplacar seu desejo; se seus desejos vão além do necessário, para deles se liberarem cometerão o mal". (Política 1267 a).

Mesmo apresentando tamanha belicosidade, devemos ter cautela nas análises feitas sobre a guerra na Grécia Antiga, pois há o risco de apreciarmos estas características pelo viés excessivamente belicista. A paz também era desejada pelos gregos antigos, conforme observamos no seguinte comentário de Aristóteles: *"a paz é o fim último da guerra, como o lazer é do trabalho"* (ARISTÓTELES, Política, 1334 a).

A guerra não era uma ação inconseqüente. Estava sustentada em rituais e códigos específicos que deveriam ser respeitados. De acordo com Yvon Garlan, *"o alcance destrutivo das operações militares, tratava-se, com efeito, na maioria dos casos, não de um desencadeamento cego de violência, mas de práticas reguladas, institucionalizadas, obedecendo (...) acordos oficialmente concluídos, ou de costumes tacitamente admitidos"* (GARLAN, 1991, 13).

Em geral, desde o período homérico, os exercícios de guerra eram deliberados em assembléia e ratificados por uma série de formalidades. Nas narrativas da *Ilíada* e *Odisséia* eram comuns as assembléias para deliberação dos assuntos militares e as providências a serem tomadas. Esta participação nas decisões cabia apenas à aristocracia guerreira que aos poucos, além de determinar as pautas bélicas, passou a controlar outras esferas da sociedade, principalmente a política, visto que os eupátridas gozavam desde tempos remotos dos prestígios econômicos e sociais.

Em relação à mobilização política e decisão dos assuntos militares na assembléia, destacamos as seguintes reflexões do historiador Dabdab Trabulsi: *"a Ilíada e a Odisséia são, com efeito, muito ricas para o estudo da mobilização política. (...) A mobilização política se confunde quase com a mobilização militar pura e simples"* (TRABULSI, 2001, 22).

A deliberação e a exclusividade das decisões políticas eram prerrogativas aristocráticas desde Homero. Porém, ao longo do período arcaico, estes guerreiros perderam destaque no corpo político e militar, visto que, as inúmeras reformas ocorridas nesta fase ampliaram as mesmas prerrogativas para outros grupos sociais, enfraquecendo a tradicional aristocracia guerreira que percebeu que o combate contra os persas poderia revitalizar suas atividades políticas e militares.

A geração dos combatentes de Maratona (490), aclamada pelos versos de Ésquilo, evidencia que o espírito competitivo dos tempos homéricos ainda estava presente, mesmo com as transformações políticas e sociais do advento da democracia, os homens de Maratona confrontaram o inimigo em condições heróicas, pois estavam em condições inferiores no contingente e no aparato técnico.

Neste momento, a organização do exército respeitava a disciplina hoplítica, que valorizava o coletivo, ao inverso da disciplina homérica que apreciava o combate individual, singular e heróico. Contudo, as transformações na disposição do combate e na filosofia de guerra não suplantaram os combates memoráveis, os atos heróicos e nobres.

Para Marcos Alvito, "*a revolução hoplítica foi mais uma transformação social e mental que técnica*". (SOUZA, 1988, 27). Os pelotões representavam a idéia do coletivo e cada hoplita defendia um ao outro. Todavia, sugerimos que mesmo nas vitórias e combates de caráter coletivo, o caráter heróico não havia se perdido. Temos aí, portanto, um momento de confluência de dois mundos: o homérico relutante e o democrático altivo.

Os passos imortalizados e heróicos de Fidípides foram eternizados. Os homens que tombaram em combate em defesa da *polis* foram recebidos com honrarias especiais e foram lembrados pelos atos de bravura.

As Guerras Médicas possibilitaram a perseverança aristocrática em valorizar o legado social e divino da luta. Neste contexto de revitalização das práticas aristocráticas da guerra que os etíopes adquiriram destaque. Os documentos produzidos neste momento nos levam a supor que os etíopes serviram como modelo de representação dos ideais

aristocráticos, pois eram vistos como homens de características nobres, a saber: beleza, estatura, longevidade, força, habilidade, virilidade e destreza.

A beleza, longevidade e estatura foram atributos que tiveram destaque especial para os atenienses que souberam identificar as vantagens de um corpo são e íntegro, que possibilitasse vantagens esportivas, bélicas e mentais.

Os helenos tiveram um especial interesse pela manutenção da beleza e do corpo saudável que até às vésperas de combates faziam pausas para zelar pela aparência, conforme observamos na seguinte citação de Heródoto (VII 208): *"enquanto eles deliberavam Xerxes mandou um observador a cavalo para ver quantos eram os helenos e o que estavam fazendo (...) o cavaleiro viu alguns deles fazendo exercícios atléticos e outros penteando os cabelos"*.

Os atenienses souberam apreciar a beleza e a estatura não apenas dos helenos, mas também de outros grupos étnicos, independente de serem inimigos de guerra. Tal afirmação pode ser constatada na morte do comandante persa Masístios:

Os bárbaros prestaram à sua maneira as homenagens fúnebres a Masístios. Os helenos, por seu turno, depois de haver recebido e repellido o impacto da cavalaria, ficaram muito confiantes. Primeiro eles puseram o cadáver num carro e o conduziram ao longo de todas as fileiras de seu exército; realmente, esse cadáver merecia ser visto por causa de sua estatura e beleza. Diante dessas qualidades muitos soldados deixaram suas posições para vir olhar Masístios (HERÓDOTO, IX, 25).

A apreciação da estatura, beleza e longevidade foram atributos que despertaram inúmeros comentários sobre os etíopes macróbios, pois em inúmeras passagens em Heródoto e outros autores gregos estas características foram destacadas: *"(...) Os etíopes aos quais Câmbises mandou tais presentes são os mais altos e belos de todos os homens"*. (HERÓDOTO, III, 20). Em outra passagem, Heródoto (III, 114) reforça estes atributos ao afirmar: *"(...) a Etiópia é a mais remota das regiões habitadas; lá existe muito*

ouro e há enormes elefantes, e todas as árvores silvestres, e ébano, e homens de elevada estatura e muito belos e de uma longevidade excepcional”.

Os valores dispensados aos elementos supracitados reforçam um estilo de vida social idealizado pela aristocracia, pelos eupátridas. São estímulos sociais apreciados e divulgados pelo grupo que se considerava o melhor e de origem divina; que apreciava o belo, o exótico, o bélico; que valorizava o corpo e a eternidade. Ser o melhor é garantir a manutenção do corpo político, é um dos indicadores de superioridade.

Esta busca pelo adiamento da degradação do corpo e sua manutenção jovial foi apontada por Hipócrates que em sua obra *Aforismos*, dissertou sobre inúmeras condições que provocavam a debilidade do corpo e seus respectivos tratamentos. Para o autor, o corpo que deve ser tratado contra as enfermidades e os males da vida, infelizmente, passa pelas contradições do tempo, pois o que era belo na mocidade pode causar complicações na velhice, como nos indica a citação: *"uma estatura alta, na mocidade, é nobre e graciosa, mas, na velhice, é incômoda e desvantajosa, ao contrário da estatura baixa"* (HIPÓCRATES, II, 54). Mesmo com as desvantagens da estatura na velhice, o belo e a personificação dos melhores partia, não exclusivamente, dos elementos corporais se perpetuou através dos tempos.

Para Aristóteles, a estatura e a beleza são qualidades de poucos, e podem explicar as diferenças entre a democracia e oligarquia, como sugere a seguinte passagem:

Desse modo, é preferível dizer que existe a democracia quando o poder supremo está nas mãos dos homens livres, e que existe oligarquia quando está nas mãos dos ricos. Acontece porém, que uns, quer dizer os homens livres, são em maioria; e os outros, os ricos, são pouco numerosos. Por certo, se apenas fossem designados para as magistraturas os homens de porte elevado, como se afirma que é feito na Etiópia, aqueles que têm notável beleza, isso seria uma oligarquia; porque o número de homens de porte alto, ou de uma grande beleza, é sempre diminuto. (ARISTÓTELES, Política, 1290 a).

Beleza e estatura são características que como bem lembrou Aristóteles não pertencem a qualquer indivíduo e a analogia feita com o governo oligárquico acentua a raridade e o valor destes predicativos.

Na documentação imagética encontramos informações que corroboram para a nossa hipótese de atribuir aos etíopes a representação de elementos aristocráticos. Nos alabastros catalogados encontramos elementos que indicam e reforçam a referência dos *aristhoi* atenienses pela estatura, beleza e longevidade. Nestes alabastros de utilização masculina duas representações nos chamam a atenção: a palmeira e a presença do etíope macróbio.

A palmeira expressa significados múltiplos que nos remete à sensação de porte, estatura, retidão, elevação. Ao mesmo tempo, desafiam as leis do tempo pela sua surpreendente resistência, longevidade e durabilidade. Para Manfred Lurker, *"leques de palmas eram símbolo de vida longa, mesmo eternas, e eram levados por este motivo, em procissões fúnebres (...) na antiguidade suas folhas eram símbolo de Victória"* (LURKER, 2003, 514). Em sociedades antigas como o Egito e Assíria as palmeiras são tidas como árvores sagradas que estreitam as relações entre os homens e os deuses. A relação da palmeira com os homens e deus verifica-se no seguinte documento: *"Mandou esculpir em relevo em todas as paredes da casa, ao redor, no santuário como no templo, querubins, palmas e flores abertas (...) nos dois batentes de pau de oliveira mandou esculpir querubins, palmas e flores desabrochadas, e cobriu-as de ouro"* (I Reis, 6, 29-32).

A palmeira com sua esplendida magnitude, sobrevida e resistência representa, da antiguidade às sociedades contemporâneas, a relação com o mundo religioso, pois é símbolo de eternidade, prolongando a vida dos eventos humanos e celestes.

Apolo, que segundo o mito nasceu junto a uma palmeira, apresenta uma série de atributos que atestam uma afinidade com diversas semelhanças vista até o presente entre os etíopes e a palmeira. Apolo é considerado o deus da razão e da beleza, destacando-se nas atividades relacionadas à música, atletismo, guerra e cuidados com o corpo. Para

Pierre Grimal, *"Apolo era representado como um deus muito belo, de elevada estatura"* (GRIMAL, 1993, 33). Estas características de Apolo são qualidades apreciadas pela aristocracia e logo se popularizou por toda a sociedade.

Apolo representou também os atributos nos exercícios militares. Para Grimal, Apolo *"(...) era ainda um deus guerreiro, capaz de, com seu arco e suas flechas, enviar de longe, uma morte rápida e doce"*. (GRIMAL, 1993, 33-34). Esta representação de Apolo como um guerreiro forte e habilidoso no manuseio do arco, aproxima-se das características etíopes, conforme observamos na seguinte citação de Heródoto:

Agora, entregai-lhe este arco e dizei-lhe as seguintes palavras: 'o rei dos etíopes aconselha o rei dos persas a, no dia em que vergarem um arco desse tamanho tão facilmente quanto eu, Atacar os etíopes macróbios com forças superiores às deles; até esse dia, porém, dêem os persas graças aos deuses por não terem incutido no espírito dos filhos dos etíopes o desejo de acrescentarem outros territórios aos seus. (HERÓDOTO, III, 21).

○ arco e seu manuseio exigiam precisão, habilidade e equilíbrio. A representação dos etíopes com armas de contato e distância apontam para duas especialidades militares em que se destacavam, tornando-os especialistas e extremamente técnicos. Ao ameaçar os persas, o rei dos etíopes macróbios ressalta uma habilidade e destreza que não é atributo de qualquer guerreiro. São homens que se consideravam justos, amantes da liberdade e que estavam dispostos a manterem-se livres mesmo que fosse por intermédio de um confronto bélico, que de antemão afirmavam ser superiores.

Além do arco, outro armamento que os etíopes são representados com muita freqüência na documentação imagética grega é o machado. Esta arma exigia em combate um contato físico e visual intenso, demonstrando o estilo de combate que privilegiava o confronto direto, face a face, determinando uma manipulação precisa da arma que desfere golpes com acentuada força e precisão.

O machado é uma arma de constante ataque e tentativa de quebra da defesa do oponente, sendo uma arma de especificidades individuais, remetendo aos heróis homéricos que priorizavam as lutas corpo a corpo, prevalecendo o indivíduo sobre o grupo. Empunhar um machado exige força e a virilidade. Estas características sobressaltam a destreza e habilidade do combatente preocupado em vencer e tombar o máximo de inimigos possíveis.

O machado também está relacionado com o símbolo do poder real e justiça divina. Na Grécia o machado estava presente nas representações da realeza micênica, sendo um símbolo do *wanax* (rei) e dos *basileús* (sacerdotes). Por conseguinte, o machado simboliza o poder divino e nobre nas sociedades africanas. Exemplo disso é a caracterização de Xangô que no panteão das divindades do candomblé é associado aos atributos da força, nobreza, justiça e, geralmente, faz uso de um machado de dupla face semelhante ao dos micênicos. O machado é uma arma apreendida de maneira especial por diversas sociedades e etnias em diversos contextos históricos. Para Manfred Lurker: "*A arma torna-se símbolo de poder e insígnia da dignidade (...) os machados do Egito Antigo expressavam vitória (...) o machado próximo das raízes das árvores é uma imagem da justiça divina*" (Lurker, 2003, 406).

Os combatentes etíopes e seus comandantes tiveram participação ativa nas Guerras Médicas no exército pluriétnico persa conforme observamos nas seguintes citações: "*os povos cujos nomes mencionei eram os mais importantes (...) à disposição de Mardônio, os mais destacados e notórios; no meio deles havia também homens de outras raças – frígios e mísios, trácios e peônios – e ainda outros, entre os quais os etíopes e egípcios*" (HERÓDOTO, IX, 32). Acrescida da informação de que: "*Os etíopes habitantes além do Egito e os árabes eram, portanto comandados por Arsames*" (HERÓDOTO, VIII, 70). O contingente etíope participou ativamente nos combates terrestres e marítimos.

Nos combates desenrolados no mar temos os seguintes depoimentos de Heródoto em alusão aos etíopes: "*os cíprios forneciam cento e cinquenta naus (...). Havia entre eles representantes dos seguintes povos: homens oriundos de Salamina e de Atenas, outros da*

Arcádia, outros de Cítnos, outros da Fenícia, outros da E, segundo dizem os próprios cípnios” (HERODÓTO, VII, 90).

A participação dos etíopes macróbios no exército persa e a euforização deste grupo em Heródoto faz parte de um reconhecimento que remonta a XXV dinastia. O valor guerreiro destes homens foi registrado e imortalizado em documentos textuais e imagéticos. Esta imagem parece não ter sido abalada com as investidas persas na Ásia Menor e Ática, pois sendo aliados e/ou subjugados este grupo étnico carregava um prestígio considerável de tempos imemoriáveis.

A postura dos etíopes macróbios nos alabastros sugere a valorização do guerreiro que luta de forma singular, individualizada e combate corpo a corpo. Este estilo de representação aponta para as aspirações e atributos heróicos da aristocracia ateniense em processo de perda de espaço de decisão política diante do advento da democracia. Portanto, acreditamos que os etíopes, devido as suas especialidades guerreiras, serviram de modelo para representar os predicativos guerreiros da aristocracia alijada da exclusividade das decisões políticas e militares nas assembléias.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

ARISTÓTELES. *Política*. Lisboa: Vega, 1998.

ESQUILO. *Prometeu acorrentado*. Trad. Mario da Gama Cury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

_____. *Os persas*. Trad. Mario da Gama Cury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1992.

HERÓDOTO, *História*. Trad. de Mário da gama Kury. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 1998.

HOMÉRE. *Iliade*, Paris: société d'édition, 1965.

_____. *A Odisséia*, Paris: société d'édition, 1965.

HIPÓCRATES. *Aforismos*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BIBLIOGRAFIA

BARKER, Sir Ernest. *Teoria Política Grega*. Brasília: UNB, 1978.

BARTH, F. *Grupos étnicos e suas fronteiras: a organização da cultura das diferenças culturais*. (org.) Boston: Little Brow & Co. 1969.

BARTHES, Roland. *Sistema da moda*. São Paulo: USP, 1970.

Bellomo, Harry Rodrigues. "A história de Heródoto entre os gregos" in *III jornada de estudo do oriente antigo*. São Paulo: Ed. coleção, 1998.

BOURGEOIS, Alan. *La Grece Antique Devant La Negritude*. 5^o ed. , Paris: Presence Africaine, 1971.

DONADONI, Sergio (org.). *O Homem Egípcio*, Lisboa, Editora Presença, 1994.

Finley, M. I. *Uso e abuso da história*. Trad. M. P. Michel. São Paulo: Martins fontes, 1989.

_____. *A política no mundo antigo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1995.

JAGUARIBE, Hélio (org). *A Democracia Grega*. Brasília: UnB, 1981.

JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996.

JONES, Peter V (org). *O mundo de Atenas*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KI-ZERBO, J. *História da África Negra*. Volume II. Lisboa: Europa-América, 1991.

LLOYD, Alan. *Maratona*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

LORAU, Nicole. *A Invenção de Atenas*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MAFFRE, Jean-Jacques. *A vida na Grécia Clássica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

MOKHTAR, G. *História geral da África: A África antiga*. São Paulo: Ática, Vol. II 1983.

MOSSÉ, Claude. *Atenas: A História de uma Democracia*. Brasília: UNB, 3^o ed. 1997.

_____. *As instituições gregas*. Lisboa: Edições 70, 1985.

PEDRO, Enilda de Paula. *Como ler o Primeiro Isaías*. São Paulo: Paulus, 2002.

PESCHANSKI, C. "Os bárbaros em confronto com o tempo" In *Gregos, Bárbaros, Estrangeiros (cidade e seus outros)*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.

_____. *Discurso do particular: ensaio sobre a investigação de Heródoto*. Brasília: UnB, 1998.

Rodrigues, Rodrigo M. F., *O Kléos dos gregos e dos bárbaros*, Brasília: UNB, 2000.

Shinnie, P. L., *Meróe – uma civilização do Sudão*. Lisboa: Editorial Verbo, 1967.

SOUZA, Marcos Alvito. *Atenas e a invenção dos bárbaros*. 1992. 297f. Dissertação (Mestrado em História)—Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1992.

THEML, Neyde. *O Público e o privado na Grécia do VIII ao IV século a C*. Rio de Janeiro: Sette letras, 1998.

VIDROVITCH, Catherine Coquery. *A Descoberta de África*, Lisboa: edições 70, 1965.

Anexo



Etíope portando machado, escudo, manto próximo a uma palmeira Data: 490-480 a.C.

Coleção: Tubingen, Eberhard-Karls-Univ.

Significantes icônicos.	Significados de primeiro nível.	Conotações de segundo nível (1)	Conotações de segundo nível (2)
Utensílio Cerâmico	Alabastro	Recipiente para armazenamento de óleo e unguentos perfumados	Utilizado pelos atletas nos exercícios físicos. Fonte da longevidade (Heródoto, III, 23)
Homem	Africano	Etiópe macróbio/ guerreiro.	São conhecidos pela destreza em combate, beleza e longevidade.
Escudo "meia lua"	Proteção	confronto	Individualismo e heroísmo.
Machado	Arma	Guerra/confronto	Força, virilidade, natureza, vida selvagem / contato direto, face a face.
Vestimentas	Calça, túnica, cinto, couraça.	Proteção.	Demarcação étnica e representação do guerreiro (Heródoto – VII 64-69) / combate de contato.
Árvore	Palmeira	Natureza/calor/ Resistência	Porte, força, altura, alimentos, longevidade (Heródoto I – 193), Apolo e Ártemis nasceram junto a uma palmeira.
Olho	Visão	proteção	Manter o mal afastado / símbolo de onisciência/ visão espiritual / proteção contra os inimigos.
Manto	Proteção		divindade